

## **Cultura Docente: Trabalho e Alienação**

*Roberta Ravaglio Gagno*

Resumo: Cultura significa hábitos e capacidades adquiridos pelo homem na convivência em uma sociedade dada e envolve costumes, conhecimentos, crenças, que interferem nas práticas cotidianas desse sujeito. Nesse interim são múltiplas as determinações que marcam (precedem e sucedem) a construção da cultura e constituem o indivíduo. A constituição da cultura docente está relacionada às condições materiais, ideológicas e de produção a que estão submetidos, o que está diretamente relacionado ao processo de trabalho, que, por sua vez, é a atividade por meio da qual o homem se relaciona com a natureza. Esse artigo busca analisar as condições de trabalho e alienação as quais os professores pedagogos, vinculados ao estado e residentes no litoral do Paraná são submetidos. É decorrente do grupo de pesquisa Cultprof – A Cultura do Profissional Docente – que investiga a temática desenvolvida no GP de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação. O método de pesquisa se fundamenta na concepção dialética a partir de fontes primárias e secundárias em vários tempos históricos. Apresentam-se análises significativas da coleta de dados das fontes pesquisadas.

Palavras-chaves: cultura docente, trabalho, alienação.

A atividade produtiva medeia a relação do homem com o mundo e a natureza, o sujeito e o objeto e pode produzir tanto a consciência como a alienação. O trabalho é uma manifestação da vida e uma atividade vital para o ser humano, ou seja, é um princípio educativo<sup>1</sup>.

O trabalho dá forma a si e a natureza, que é objeto da ação do homem e da sociedade. “Ao adquirir novas forças produtivas, os homens mudam seu modo de produção, e ao mudar o modo de produção, a maneira de ganhar suas vidas mudam todas as suas relações sociais” (MARX, 1847, s/p).

Existe uma ação onde o homem é criado pela natureza, ao mesmo tempo em que ele a cria ao convertê-la de um “meio natural bruto em espaço de convivência humana”. Essa ação só é possível devido a produção e desenvolvimento “em forma de processo histórico instrumentos materiais que lhe permitiram modificar o meio ambiente em função de finalidades, que, sendo ideias na esfera do pensamento, se foram aos poucos criando e tornando conscientes” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 339). É esse caráter de desenvolvimento histórico que diferencia o homem dos demais animais, nele a ação humana se torna uma fonte

---

<sup>1</sup> (...) dizer que o trabalho é princípio educativo significa toma-lo como referência para se organizar a educação de maneira contra-hegemônica procurando articulá-la com o movimento revolucionário de superação do capitalismo (SAVIANI, 2012, p. 179).

de ideias onde o pensamento é desenvolvido e são criadas formas de experimentação que mais tarde saem da concreticidade e se transformam em conceitos abstratos permitindo o retorno a natureza de uma forma pensada com o objetivo de melhorar a relação do homem com a natureza e o mundo.

Nesse mesmo direcionamento Saviani (2003, p. 11) afirma que o homem precisa adaptar a natureza a si, ou seja, transformá-la. Isso recebe o nome de trabalho que ocorre a partir do momento em que o seu “agente antecipa mentalmente a finalidade da ação”. Esta é uma ação intencional que cria um mundo humano, um mundo da cultura.

Pode-se afirmar que o trabalho é um “processo de autorrealização da humanidade, de avanço do ser consciente em relação ao seu agir instintivo”, um “avanço em relação à natureza, configura-se o trabalho como referencial ontológico fundante da práxis social” (ANTUNES, 2013, p. 139). Em princípio, entende-se que é pelo trabalho que as pessoas realizam suas necessidades, todavia, no modo de produção capitalista, os sujeitos são alienados por serem discredionados do que produzem, por não ter as condições econômicas de aquisição desses bens, o trabalho pode se tornar alienado e, desta forma não realiza a humanidade de cada ser humano. Com isso entende-se como trabalhadores a “classe-que-vive-do-trabalho” (ANTUNES, 2013), ou seja, todos os assalariados que vendem sua força de trabalho e que são desprovidos de qualquer meio de produção.

Nessa alienação o homem é destituído de seu ser. Ele é produzido pelo trabalho. “Em vez de ser para o homem, este é que é para o trabalho. O atributo converte-se em substância, o instrumento em origem absoluta. Tal é a essência da escravidão, da servitude, da alienação do trabalho” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 344). Aqui o trabalho é uma obrigação que exclui todas as possibilidades de vida do homem, não o construindo, mas deformando-o.

Embora o trabalho se encontre no reino da necessidade, é também, por outro lado, um elemento de liberdade, onde o homem precisa ser o sujeito de uma dada sociedade, situação inviável no modelo capitalista onde esse assume o papel de objeto. Nesse tipo de organização a própria política é “(...) comprada e vendida, é mercadoria e oportunidade de lucro (...)” (BALL, 2014, p. 222). O capitalismo<sup>2</sup>, para a garantia do lucro, mantém, algumas vezes, a satisfação das necessidades muito próximos das necessidades primárias, ou ditas primitivas, como alimentação e descanso, ainda que provenha, por outro lado, o consumo do luxo. Com

---

<sup>2</sup> Em essência, o capitalismo é um sistema de mercantilização universal: e de produção de mais-valia. Mercantiliza as relações, as pessoas e as coisas. Ao mesmo tempo mercantiliza a força de trabalho, a energia humana que produz o valor. Por isso mesmo, transforma as próprias pessoas, tornando-as adjetivas de sua força de trabalho (IANNI, 1988, p. 18).

isso a possibilidade de atividades livres e de crescimento pessoal, criação, produção artística, pesquisa, são praticamente nulas.

O ser humano vende sua força de trabalho (MÉSZÁROS, 2008) para outra pessoa como forma de obtenção de meios para sua subsistência o que lhe permite existir. Isso confere significação ao capitalismo com a aparente inexgotabilidade deste<sup>3</sup>. Nesse direcionamento, “O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral” (MARX, 2008, p 80)<sup>4</sup>. Essa situação ocorre devido a dois aspectos principais, são eles, o produto do trabalho como sendo um objeto estranho ao trabalhador, um mundo alheio e hostil a ele. E ainda, uma relação com o ato da produção, como algo que não pertence a ele. O trabalho é tido como um sacrifício. E o ser humano “ (...) nem sequer considera o trabalho como parte de sua vida, é antes um sacrifício de sua vida” (MARX, 1849, s/p).

O homem que não dispõe de nenhum tempo livre, cuja vida, afora as interrupções puramente físicas do sono, das refeições, etc., está toda ela absorvida pelo seu trabalho para o capitalista, é menos que uma besta de carga. É uma simples máquina, fisicamente destrozada e espiritualmente animalizada, para produzir riqueza alheia (MARX, 1865, s/p).

Trata-se de um trabalhador que foi animalizado e subjugado ao capital. Uma interessante ilustração disso é dada por Gramsci (1968), já em 1930, ao discutir questões como americanismo e fordismo. Este afirma que um gorila amestrado seria capaz de desenvolver as tarefas como as de um operário dentro do ideal taylorista ou fordista. No entanto, Gramsci, ainda observa que mesmo sob as mais cruéis condições, o trabalhador sempre desenvolve um mínimo de atividade intelectual criadora.

Ainda assim ocorre a alienação do trabalhador. Suas forças intelectuais ficam inibidas em função de um trabalho desenvolvido de forma parcial. Aqui há uma grande separação entre os que pensam e os que executam, entre trabalho intelectual e manual. E cada vez mais aquilo que se produz pelo trabalhador é estranho a ele. Esse trabalhador se torna alienado do que o caracteriza como humano, o processo de criação e de planejamento de suas ações; ele

---

<sup>3</sup> Essa questão remete diretamente ao conceito de mais-valia absoluta e relativa de Marx (1996). Mais valia absoluta é quando o tempo, ou o ritmo de trabalho é ampliado de forma a aumentar a produtividade. Já na mais-valia relativa a produtividade, e conseqüentemente o lucro é ampliado por meio de máquinas e, ou recursos tecnológicos. Em nenhuma dessas formas de mais-valia o salário do trabalhador é aumentado.

<sup>4</sup> Sobre a essência da estrutura da mercadoria Lukács ressalta que “Ela se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e, dessa maneira, o de uma ‘objetividade fantasmagórica’ que, em sua legalidade própria, rigorosa, aparentemente racional e inteiramente fechada, oculta todo o traço de sua essência fundamental: a relação entre os homens” (LUKÁCS, 2012, p. 194).

apenas executa o que foi idealizado por outro, que é normalmente quem detém o poder e o conhecimento. Há uma expropriação do saber do trabalhador sobre seu trabalho.

Por esse viés “(...) a alienação surge como um divórcio entre o individual e o social, o natural e o autoconsciente” (MÉSZÁROS, 1981, p. 157). O homem é um ser natural, com necessidades, que vive em sociedade e produz as condições para sua existência sejam básicas, como comer e beber, por exemplo, ou constituídas na convivência social, é um ser produtivo que transforma o mundo e se transforma.

Nesse interim, o trabalhador é apenas mais um elemento substituível dentro deste mecanismo capitalista. Sofre abusos de poder, coerção e, muitas vezes, ainda convive com o fantasma de ser substituído. Nesse tipo de sociedade a competitividade comanda as relações sociais, desenvolvendo acirradamente o individualismo, pode-se constatar que “o homem é o lobo do próprio homem” nos dizeres de Thomas Hobbes (2006, p.9) e vive em constante clima de combate pela sua sobrevivência. Nesse mesmo direcionamento, “O individualismo, como nunca, desenvolve-se em escala sem precedentes, quer pela ausência da formação humana, quer pela ‘necessidade’ de ‘correr atrás’ de trabalho para sobreviver” (FERREIRA, 2004, p. 1232).

O ser humano relaciona-se com o meio ambiente e por sua ação intencional transforma-o e é transformado por ele, isto o coloca em contato direto com a natureza à qual pertence e com o trabalho que faz, que executa e que vê ser realizado. Seguindo Marx (1996 a), o homem modifica o mundo enquanto modifica a sua própria natureza. Mas, se o trabalho for considerado separado das condições sociais nas quais ele pode realizar, então pode ser considerado um trabalho alienado.

Esse tipo de atividade produtiva desenvolvida pelo modo capitalista coisifica o homem, individualiza-o, isola-o, separando-o da relação com a natureza e com os demais homens. Produz uma corrida pela sobrevivência em um mundo globalizado, individualista e meritocrático, permeado por concorrências desleais onde “os fins justificam os meios” (MAQUIAVEL, 2006). O trabalho, nesse direcionamento, afasta o homem das relações com a natureza e dos outros homens propiciando a impessoalidade, a alienação e a reificação.

A objetivação em condições nas quais o trabalho se torna exterior ao homem assume a forma de um poder estranho que enfrenta o homem de uma maneira hostil (...) o resultado desse tipo de objetivação é a produção de um poder hostil, então o homem não pode realmente ‘contemplar-se num mundo por ele criado’, mas, sujeitado a um poder exterior e privado do sentido da sua própria atividade, ele inventa um mundo irreal, submete-se a ele, e com isso restringe ainda mais a sua própria liberdade (MÉSZÁROS, 1981, p. 141).

O homem não é nem bom, nem mau, mas é constituído nas relações que estabelece com a natureza e com a sociedade, ou seja, o sujeito pode constituir-se em acordo com as circunstâncias nas quais ele vivencia, tornando-se quem é a partir delas. Ele faz parte da natureza é histórico nesse constituir-se com suas bases na sociedade humana.

Na educação isso ocorre por exemplo, quando os professores e/ou pedagogos precisam trabalhar nos três turnos para alcançar ou manter um determinado padrão de vida, ou ainda apenas para sustento familiar. No litoral paranaense essa situação de trabalho de horas diárias aparece em doze por cento dos entrevistados, enquanto que oitenta por cento deles trabalham oito horas dia, e outros doze por cento desenvolvem outras atividades paralelamente. Diante dessa realidade questiona-se em que momento esse profissional poderá se produzir, se relacionar com o outro e com a natureza? Refletir sobre as relações e as situações que permeiam essas relações? Ou como afirmou Marx (2008), manter uma atividade auto mediadora de si consigo mesmo, com a natureza e com os outros homens?

Antunes (2013) denuncia ainda que o estranhamento ou a alienação ocorrem drasticamente em camadas da população com empregos fixos na sociedade, mas atingem principalmente os trabalhos temporários de uma forma mais desumana.

Se o estranhamento permanece e mesmo se complexifica nas atividades de ponta do ciclo produtivo, naquela parcela aparentemente mais 'estável' e inserida da força de trabalho que exerce o trabalho intelectual abstrato o quadro é ainda mais intenso nos estratos precarizados da força humana de trabalho, que vivenciam as condições mais desprovidas de direitos e em situações de instabilidade cotidiana, dada pelo trabalho part time, temporário, etc. (ANTUNES, 2013, p. 132).

Com base nessas condições é possível compreender a prioridade que algumas empresas e estados tem ao contratar funcionário temporários ou terceirizados. Um funcionário mais alienado e explorado ficará distante das decisões e lutas de uma categoria, são mais facilmente dispensados. Nas entrevistas realizadas isso aparece em várias as respostas como por exemplo a destacada a seguir em uma questão interligada ao salário e as condições de trabalho: "Não opino a respeito, pois sou PSS", É possivelmente um funcionário que não se envolve nas lutas da categoria, que falta menos, sempre em função da manutenção do emprego. Sem o envolvimento efetivo esse profissional não desenvolve a consciência de se pertencer a uma classe. Esse profissional está sendo explorado e muitas vezes não se dá conta, justamente por não se envolver nas lutas da categoria, ou mesmo que perceba a exploração, se sujeita em função dessa manutenção. É uma alienação constituída com bases objetivas entre

sujeito e objeto e não apenas um estado de espírito facilmente superável, está ligado a uma série de intervenientes independentes da força e, ou vontade desse sujeito.

É uma forma de desqualificação que interessa apenas aos patrões, pois quando se domina os conteúdos e as relações se tem poder. Participar das discussões, debates, reivindicações, interferir nas decisões a respeito dos processos referentes ao trabalho e suas formas de organização, ir além dos conteúdos curriculares, proporcionando a reflexão sobre questões sociais aos alunos, são formas de desalienação. Participar de forma ativa, compreender as relações na totalidade, compreendendo-as pertencentes a uma situação histórica, só ocorre quando se forma uma pessoa para ser um governante, um ser pensante e não apenas um executor de tarefas.

Aquele que, com verdadeira e incansável sabedoria, protela o seu juízo e avança passo a passo, superando um após o outro os obstáculos que, como montanhas, detêm o andamento do estudo, chegará ao seu tempo ao cume da ciência, onde se desfruta a paz e o ar puro, onde a natureza se descortina aos olhos em toda a sua beleza e de onde se pode descer por um trilho suavemente inclinado até os últimos detalhes da práxis (MARX; ENGELS, 2010, p. 31).

Esse comportamento não é interessante para os contratantes, visto que quando o funcionário é apenas um executor, há uma inversão das relações sociais e econômicas e a hegemonia do capital dá as cartas, sem ao menos se preocupar com os seres humanos que estão na ponta do sistema, com os trabalhadores que venderam sua força de trabalho e que foram expropriados de toda e qualquer relação com o que produziram.

Quando se fala em alienação do trabalhador, pode-se levar em conta os pressupostos para a superação dessa situação cogitados por Marx, como a necessidade de uma reorganização do trabalho, na apropriação do trabalhador do processo produtivo, além da redução da jornada. Sob novo patamar histórico por meio do trabalho pode-se superar a alienação do trabalhador.

Cabe ressaltar que as diferentes formas de organização do trabalho resultam na construção de diferentes homens, por isso é que se pode afirmar que essa formação humana é diretamente perpassada por diversas formas históricas de produção. Assim sendo, “(...) é a existência que determina a consciência (...) a realidade social é que determina a sua consciência” (ENQUITA, 1993, p. 14 e 85), e a sociedade é construída pelos homens, mas também o constitui.

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, sob circunstâncias escolhidas por eles mesmos, mas sob circunstâncias diretamente

dadas e herdadas do passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos (MARX, 1851/52, s/d).

É como um professor pedagogo que embora, muitas vezes, gozando de certa autonomia, leva com ele situações sociais, históricas, econômicas, políticas, culturais, entre outras pelas quais passou. Ele leva com ele os exemplos dos seus professores que estão arraigados na sua cultura profissional docente, como a vivência e a troca de experiências com outros colegas de trabalho. Esse professor pedagogo não pode simplesmente modificar toda uma organização institucional que está presente na educação e na escola há anos, pois o sistema exige que tenham notas e registro de frequência para citar como um dos exemplos possíveis, caso contrário se descumpra a legislação. Além do mais, existe uma comunidade que também passou pelos bancos escolares e essa comunidade tem registrado em suas memórias do que é uma boa ou má escola, independente se realmente o é. Esse precisa prestar contas a ela de seu trabalho, mesmo que tenha outros métodos de ensino e outros conteúdos que seriam melhores para o desenvolvimento de seus alunos, ele precisa seguir um padrão pré-estabelecido.

Os trabalhadores da educação vêm vivenciando novas condições de trabalho (ou falta delas) marcadas por formas flexíveis, terceirização, controle externo, precarização, expansão do trabalho temporário, e essas mutações afetam diretamente o trabalho e a cultura profissional docente. E isso é absorvido de certa forma que interfere diretamente na prática pedagógica e nas relações estabelecidas com colegas e alunos.

O trabalho docente é considerado de forma ambígua. Este é complexo e responsável pela formação, além de ser cercado de lutas e polêmicas, e ainda não valorizado como deveria. Essa condição advém de uma constituição social, cultural, histórica e econômica. É um conceito recheado de implicações provindas da cultura social e de trabalho com suas ordens e organizações. Isso remete a interesses particulares de grupos específicos que estão no poder, de uma elite econômica e social. O trabalho docente é marcado por transformações sociais<sup>5</sup>.

A posição dos professores pedagogos é complexa, pois não são meros fantoches do sistema, mas são constituídos por este. Alguns participam de lutas históricas pela educação e pela emancipação das classes populares, e são oprimidos pelo poderio do Estado e seus

---

<sup>5</sup> “[...] a transformação social se resume, em última instância, no processo pelo qual a classe fundamental dominada busca arrebatar a hegemonia social das mãos da classe dominante, construindo um novo bloco histórico sob sua direção. Nesse contexto, a educação poderá contribuir para a transformação social, na medida em que for capaz de servir de instrumento em poder dos grupos sociais dominados em seu esforço de superação da atual sociedade de classes” (PARO, 2012, p. 133).



*lobbies* que são utilizados por este para sua perpetuação no poder, para obtenção ou manutenção de regalias e vantagens. E tudo isso em função do capital e dos interesses dominantes.

Pode-se refletir sobre as palavras de Marx, que muito embora tenham sido direcionadas para o trabalho da fábrica, cabe, em certa medida, ao docente do estado do Paraná, no contexto atual.

(...) no processo de produção capitalista, não é o trabalhador que usa os instrumentos de produção. Ao contrário: os instrumentos de produção – convertidos em capital pela relação social da propriedade privada – é que usam o trabalhador. Dentro da fábrica o trabalhador se torna um apêndice da máquina e se subordina aos movimentos dela, em obediência a uma finalidade – a do lucro – que lhe é alheia. O trabalho morto acumulado no instrumento de produção suga como um vampiro cada gota de sangue do trabalho vivo fornecido pela força de trabalho, também ela convertida em mercadoria, tão venal quanto qualquer outra. (MARX, 1996 a, p. 34).

O desenvolvimento da produção é transformado em exploração e domínio sobre os trabalhadores, alienando-os e degradando-os. O professor pedagogo, em seu trabalho, obedece à máquina do sistema burocrático, que é o Estado, que por sua vez, também se orienta com os direcionamentos do capitalismo. No Paraná, o governo iniciou, em 2015, um processo de fechamento de 150 escolas, visto que, segundo ele tem poucos alunos e salas e tem espaços ociosos.

Onde está a qualidade que se cobra dos professores? Em salas lotadas? Escolas também cheias? Sem investimento público? O governo alegou otimização de salas e respeito aos recursos públicos que devem ser utilizados de forma eficiente (nas palavras do próprio governo na mídia em geral). Cabe ressaltar que no início do ano de 2015 mais de 2 mil turmas foram fechadas e que devido a isso salas de aula estão lotadas.

Todo esse comportamento gera a construção de uma ideologia de proteção ao sistema e muitos trabalhadores/professores pedagogos nem percebem esses meandros da política que são internalizados por meio de cursos, de sentimentos voltados à ética, destacando a participação de todos nas escolas como importante para a tomada de decisões, mas será que as decisões podem ser realmente tomadas, ou se finge tomá-las; vive-se em nome de uma pseudo-participação que pode ser destruída em segundos por um estado governado em bases autoritárias.

Os professores pedagogos que pertencem a esse sistema estão sendo tomados como simples apêndice da máquina estatal. Eles precisam se adaptar constantemente a esses direcionamentos e conseqüentemente sofrem uma precarização de seu trabalho. Estão sujeitos



a diferentes formas de controle administrativo e burocrático, visto que desenvolvem seu ofício em instituições completamente hierarquizadas e burocráticas, trabalham em condição de funcionários assalariados e com isso sofrem uma série de formas de coação e controle.

Uma reação a essa proletarização é urgente, no entanto quais seriam os melhores caminhos? Para o professor pedagogo que foi entrevistado a contratação de mais profissionais e o investimento em capacitação ajudariam a combater a precarização e a proletarização. Mas o que mais chamou a atenção nas entrevistas é a falta de perspectiva de alguns profissionais, assim como a luta pelas mesmas questões a anos.

Vale lembrar Gramsci (2004b) ao afirmar que todos são intelectuais, mas nem todos exercem essa função. Muito disso ocorre com os professores, devido a jornadas extenuantes em várias escolas, intercalando públicas e privadas, com condições exaustivas de trabalho. O referido autor acreditava que seria necessária a conquista da cultura e da política e só mais tarde, após o amadurecimento das massas, estas se tornariam finalmente dominantes.

Para tanto superar o senso comum<sup>6</sup> é mister, visto que “dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação” (SAVIANI, 2007, p. 55). Essa conquista hegemônica implica choques de interesses, correlação de forças e conflitos no interior de grupos sociais. Isso não se dá com a leitura aligeirada de pequenos fragmentos de textos, nem mesmo de um livro ou outro, mas de uma formação sólida que demanda tempo e dedicação de quem a realiza pois,

A práxis utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a compreensão das coisas da realidade (KOSIK, 2002, p. 14)

Essa impotência também é dependente de inúmeros condicionantes como por exemplo a divisão da sociedade em classes, a divisão do trabalho, as hierarquias, que em muitos casos são levadas como naturais na sociedade. O homem age de forma unilateral isolando alguns elementos da realidade, desprezando outros, é uma percepção espontânea do todo, situação vinculada a práxis utilitária cotidiana, o que cria o pensamento comum. Nesse mesmo direcionamento Ferreira (2008, p. 57) afirma que “(...) o conhecimento não segue servilmente o objeto mas o reflete de modo criativo, eivado de significados, pois o conhecimento é e só pode ser ativo, um reflexo da realidade objetiva praticamente dirigido”.

---

<sup>6</sup> Para Gramsci (2004b, v.1, p. 77), o senso comum, “prega habitualmente que é melhor um ovo hoje do que uma galinha amanhã. E o senso comum é um terrível navio negroiro dos espíritos.”

Para Marx a superação da alienação é uma situação que só pode ocorrer no final da atividade produtiva e a ação política é apenas um pré-requisito necessário para a criação das condições de superação (MÉSZÁROS, 1981). Por si só essa ação não dá conta de superar esse movimento.

Toda essa crítica leva, mais tarde, à conclusão de que a apropriação do capital pela comunidade não significa o fim da alienação. Mesmo se a comunidade se tornar dona do capital e o princípio da igualdade dos salários for posta em prática, na medida em que a comunidade não é mais do que uma comunidade de trabalho (isto é, de trabalho assalariado), / a relação de alienação sobrevive de uma forma diferente. Nessa nova forma, o trabalho é elevado a uma ‘universalidade imaginária’, mas não conquista o nível propriamente humano, não se torna digno do homem, ‘não surge como um fim em si’, porque é limitado por outra universalidade imaginária: ‘a comunidade concebida como o capitalista universal’. Só poderemos falar de uma transcendência positiva da alienação se for superada essa limitação imposta por um poder exterior, que condena a atividade a não ser um fim em si mesma (MÉSZÁROS, 1981, p. 117 - 118).

A alienação é histórica, pode ser superada por meio de um desenvolvimento histórico concreto do próprio processo de trabalho, visto que “(...) o único poder capaz de superar praticamente (‘positivamente’) a alienação da atividade humana é a própria atividade humana autoconsciente” (MÉSZÁROS, 1981, p. 161), desde que:

1. O desenvolvimento das forças produtivas permita a negação radical da alienação capitalista;
2. O amadurecimento das contradições sociais do capitalismo (no mais íntimo intercâmbio das forças produtivas) force o homem a mover-se na direção de uma ‘Aufhebung’;
3. Os conhecimentos que os seres humanos vão adquirindo sobre as características objetivas de seus instrumentos permite-lhes desenvolver as formas de controle e intercâmbio que impedem a reprodução das velhas contradições em nova forma;
4. A transformação radical da educação, de mero instrumento da hegemonia burguesa num órgão de autodesenvolvimento e automediação consciente, inspira os indivíduos a produzirem ‘segundo as suas capacidade humanas reais’, unificando conhecimento e ideais, intensão e execução, teoria e prática, bem como integrando as aspirações particulares dos indivíduos sócias aos objetivos, conscientemente adotados, da sociedade como um todo (MÉSZÁROS, 1981, p. 227 – 228).

Deste modo não basta apenas acabar com o Estado burguês, sem reformular suas funções e organização. Com o intuito de modificar essa situação, o acesso ao conhecimento histórico, social, cultural e político e a compreensão de como as relações se estabelecem são essenciais.

Nesse interim, ocorreria uma modificação das relações do homem com a natureza, com meios de trabalho e produção, consigo e com os relacionamentos entre os seres humanos, de forma a valorizar a ética, o respeito, a tolerância e a preocupação com o bem comum. Esta

é uma forma de emancipação que ocorre com o desenvolvimento de uma consciência histórica e crítica da realidade.

Nesse contexto, a formação profissional é imprescindível no sentido de preparar professores pedagogos para o desenvolvimento da identidade e autonomia com suas bases na coletividade e no social, com a finalidade de lutar pelos seus direitos e pela emancipação da classe, visto que esses exercem uma função de orientação na sociedade, podem ser considerados intelectuais. Profissionais que atuam com pessoas principalmente das classes mais exploradas e necessitadas precisam estar preparados para auxiliar a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Uma das formas de adquirir essa compreensão é o envolvimento com as situações sociais, políticas e culturais da sociedade em que atua, além do estudo e reflexão sobre essas questões, uma tarefa que exige dedicação e disciplina que desenvolverá a consciência de ser um homem individual, porém histórico e coletivo, por meio do desenvolvimento da consciência de classe

De acordo com a concepção marxiana e gramsciana, um ser humano histórico, concreto, ativo, se define no conjunto dessas relações sociais que estabelece, que transforma e é transformado a partir disso. Um profissional cuja existência e essência caminham ao largo, na universalidade do constituir-se humano com vistas à transformação social.

#### Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2 ed. São Paulo, Boitempo, 2013.

BALL, Stephen J. Educação Global S.A. **Novas redes políticas e o imaginário neoliberal**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

ENGUITA, Mariano F. **Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação**. Porto Alegre - RS: Artes Médicas Sul, 1993.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. BITTENCOURT, Agueda Bernadete. (orgs). **Formação humana e gestão da educação: a arte de pensar ameaçada**. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_, Repensando e ressignificando a gestão democrática da educação na “cultura globalizada”. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 25, n. 89, set/dez. 2004.

GRAMSCI, Antônio. Maquiavel. **Cadernos do cárcere**. Volumes 1, 2, 3, 4, 5, 6. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

\_\_\_\_\_, **Escritos políticos**. V.1 e 2. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Maquiavel a política e o estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968b.

HOBBS, Thomas. Do Cidadão. Editora Martin Claret. 2006. Disponível em: [files.portalconscienciapolitica.com.br/.../HOBBS,%20Thomas\\_Do%20Cid](http://files.portalconscienciapolitica.com.br/.../HOBBS,%20Thomas_Do%20Cid), Acesso em 12 ago. 2015.

IANNI, Octavio. **Dialética e capitalismo**. 3 ed. Petrópolis – RJ: Ed Vozes, 1988.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução: Célia Neves e Alderico Tríblio. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

MAQUIAVEL, Niccolò. **O príncipe**. 2ª ed. São Paulo: Escala, 2006.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. A miséria da filosofia. 1847. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1847/miseria/index.htm>. Acesso em: 14 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. O Dezoito de Brumário de Louis Bonaparte. 1851/52. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/ma000066.pdf>. Acesso em 14 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. O Capital – v. 1. 1996 a. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_fontes/acer\\_marx/ocapital-1.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf). Acesso em: 14 jul.2015.

\_\_\_\_\_, Trabalho Assalariado e Capital. 1849. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1849/04/05.htm>. Acesso em 23 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Salário, preço e lucro. 1865. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/ma000077.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Lutas de classes na Alemanha**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Marx: a teoria da alienação**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

PARO, Vitor Henrique. **Administração Escolar**: introdução crítica. 17ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. História, Trabalho e Educação. IN: SAVIANI, Demerval. DUARTE, Newton. (orgs.) **Pedagogia histórico crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas – SP: Autores Associados, 2012.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia histórico-crítica**. 8 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Teoria da Cultura. IN: VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.